

cias entre os países participantes e entre os grupos de interesses, onde cada um/a relatou a experiência de seu trabalho com o povo negro.

Também houve espaço para nos unirmos ao povo baiano nas ruas, orando pela paz e pedindo o fim da exclusão no dia nacional do grito dos excluídos. Foi uma semana de muita aprendizagem para mim. Por um instante senti-me como um peixe fora d'água, pois no grupo de interesse, do qual participei, tivemos que nos apresentar: dizer o nome, de onde vem, religião e trabalho que desenvolvia junto à comunidade negra. À medida em que ouvia os relatos de experiências dos trabalhos, ficava pensando: o que estou fazendo aqui? Não tenho nenhuma experiência em relatar sobre trabalho realizado. Meu objetivo era conhecer e aprender com estas pessoas ali reunidas, para um futuro trabalho pastoral com formação de uma comunidade negra.

Assim, criei coragem para apresentar-me ao grupo: sou luterana (isso causou surpresa em algumas pessoas) estudo Teologia (queriam saber se ia ser freira). Na Igreja Luterana não há nenhum trabalho específico com comunidades negras. Há muitos trabalhos sociais, mas nenhum direcionado exclusivamente ao povo negro.

A partir daí muitos queriam falar comigo sobre a Igreja Luterana. Eu não era mais uma católica no meio do povo: eu era a luterana. Muitas pessoas chegaram até mim querendo saber mais da Igreja Luterana, e outras, comentando sua visão da Igreja Luterana - igreja de ricos e brancos.

Infelizmente a Igreja Luterana ainda carregará está imagem por um longo tempo. Penso que cabe a nós, futuros pastores e futuras pastoras, tentar chegar a este povo que constitui 50% da população brasileira.

Somos Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. É hora de co-

meçarmos a mudar a imagem de igreja alemã e de classe média alta que está enraizada na tradição luterana no Brasil e passarmos a ser uma Igreja sem racismo e sem preconceitos.

ESPÍRITO DE LIBERDADE Günter Bayerl Padilha

Arrancados do coração africano
Em lágrimas nos porões negreiros
Viram no horizonte o fim,
Nos cais do mundo novo o inferno.
Mercadorias vendidas em leilão,
Engenho, doloroso e cruel destino.
Onde, transformados em animais,
Trabalhavam ao ritmo do açoite.
Povo forte e valente não se dobra.
Na senzala viram na dança e tambores
A esperança nascer como a aurora,
Que pelo brilho do sol, finda a noite.
Quilombos fonte de vida nova
Transformada pela resistência,
Brotada da força e fé negra
Na esperança de viver em liberdade
Capoeira, cores, samba e batuque
Cultura negra de resistência.
Moda de uma nova sociedade que aprendeu
Mover o corpo com a nação Negra.
Nação negra voa como gaivota
Sobre o mar símbolo de liberdade
Estrelas no céu, prêmio pela luta
Por igualdade e respeito.
Vento que é força negra
Na valorização de suas raízes
Canta, chora, grita e dança
Nas asas da liberdade.

I- Considerações Preliminares para uma Hermenêutica Negra

Günter Bayerl Padilha

Nesta abordagem preliminar, considerará-se a Teologia da Libertação como ponto inicial para uma reflexão negra sobre a teologia e a hermenêutica latino-americana como ponto de partida para a hermenêutica negra. Também se buscará problematizar o tratamento da Bíblia como palavra de Deus e, assim, demonstrar que ela pode ser um instrumento de libertação e também poder ser decisiva para atos de opressão. Assim, a abordagem será desde a ótica da comunidade negra.

1.1 A Teologia Afro-Americana

O pensar teológico do povo negro faz parte do conjunto do pensar teológico da Teologia da Libertação, teologia chave para que o povo, que vivia uma realidade de morte, pudesse crer na esperança de ser livre e, na condição de livre, reconquistar a dignidade de ser criação divina.

O povo negro, porém, vê a necessidade de que a Teologia da Libertação supere as categorias genéricas político-sociais e dê um passo adiante para estabelecer um compromisso real e mais concreto com a situação de opressão cultural e étnica. O povo negro, com isso, propõe o enegrecimento da teologia e das pessoas que fazem teologia, ou seja, a teologia deve partir da realidade do povo negro.

A teologia Afro-Americana, portanto, é uma teologia que reconhece suas raízes na Teologia da Libertação, mas a partir da realidade negra, faz uma crítica a ela. Em última análise, é desta crítica que nasce o fazer teológico negro, que

considera a discriminação racial como fator determinante para sua situação de povo oprimido. Além disso, é claro que se somam os fatores de classe e gênero para o fazer teológico das comunidades negras.

As comunidades negras chegaram até esta reflexão graças à hermenêutica bíblica latino-americana que revelou que a Bíblia é um testemunho das experiências concretas de fé das pessoas marginalizadas e socialmente excluídas em busca de libertação. Nesta busca, Deus vem ao encontro delas, caminha com elas e também se identifica com elas. Então estas pessoas se identificam com o Deus libertador e passam a reconhecer-se como Povo de Deus. Assim, o povo negro se reconhece como filhos e filhas de Deus.

Neste sentido, a realidade vivida pelo povo negro é determinante para seu fazer teológico e para a leitura da Bíblia em suas comunidades.

1.2 A Bíblia e o povo negro

A Teologia Negra é uma teologia que parte da realidade do povo negro, de sua história, de sua cultura e reflete o ser negro. A Bíblia, portanto, é vista com os óculos de sua realidade e a partir dela é que é feita sua leitura.

A comunidade Negra considera a Bíblia como palavra segunda; ela contém a palavra de Deus. A Bíblia, portanto, pode ser relativizada pela prática, ou seja, depende de como ela é utilizada. Sendo assim, a leitura bíblica como palavra segunda busca superar toda forma de opressão, fundamentalismo e bibliocentrismo. A leitura da Bíblia é feita sem o esquecimento da história do povo negro que foi escravizado em nome de Deus.

A Bíblia é uma ferida para homens e mulheres negras porque ela não foi neutra na história da escravidão. Ela sempre esteve do lado do Rei, do senhor de escravos, do rico, do bispo e do homem branco. Ademais, por meio da Bíblia o povo estava algemado ao *doce inferno*, o engenho de açúcar. Então, o ler a Bíblia para a pessoa negra passa a ser um sofrimento deixado pela história da escravidão que marcou profundamente seu corpo e mente e que, todavia, não foi sanado.

Também não se deixa de fazer memória histórica sobre a situação de inumanidade a que fora submetida a população negra sob interpretações bíblicas racistas. Ao longo da história, negou-se à pessoa negra *o ter, o saber e o poder*; e o povo negro ficou marcado por estes valores que, em suma, para o mundo branco, são o *não ser*.

Paradoxalmente, o povo negro encontrou a Bíblia como fonte de resistência e, a partir dela, conseguiu estabelecer a diferença entre o Deus opressor do branco e o Deus libertador que condena todo tipo de escravidão. Através da identificação de sua história com as passagens bíblicas, o povo negro viu na Bíblia uma companheira de luta, uma fonte de esperança onde ele podia matar a sede de liberdade.

Para compreender a relação entre povo negro e Bíblia deve-se ter consciência de que a Bíblia é o resultado de uma eleição de livros e escritores. Também deve-se considerar que esta eleição estava ligada à realidade humana e que foram deixados fora do cânon vários escritos.

Importante é ressaltar que a Bíblia

é vista pelo povo negro nesta dialética de dor e alegria. Para sentir o quão doce é a mensagem de libertação da Bíblia ao povo negro, é necessário que, primeiramente ou simultaneamente, ele descubra o amargo que é, que pode ser, e que foi a interpretação bíblica na sua história.

Isto leva a pessoa negra a relativizar a Bíblia e faz com que ela resgate a história de seu povo, valorize sua vida e busque a identidade divina comprometida com suas lutas. Assim, nasce a hermenêutica bíblica negra enraizada na realidade do povo negro.

PORQUE FALAR DE NEGRITUDE NA BIBLIA E NA IGREJA

Peter T. Nash

Tem gente que acha desnecessário falar em negritude na Igreja. Pois bem, Gálatas 3.28 diz, "*Nisto não há judeu nem grego; não há servo nem livre; não há macho nem fêmea; porque todos vós sois um em Cristo Jesus.*" Infelizmente esta verdade teológica ainda não é uma realidade encarnada. A situação sociológica, tanto dentro da igreja quanto fora dela, é que seres humanos continuam fazendo distinções baseadas na cor da pele. Por isso, elaboro alguns motivos para falar em negritude na Igreja e na Bíblia.

Em primeiro lugar, é altamente saudável! A Igreja em geral, e, especialmente, as denominações protestantes, sempre se desenvolveram num clima de diálogo e de debate. Martin Luther ima-